

A guerra da sucessão

Haroldo Hollanda

30 DEZ 1988

Começam a se confirmar na prática as suspeitas dos amigos de Ulysses Guimarães, segundo as quais o governador paulista Orestes Quércia estaria examinando a possibilidade de sair candidato do PMDB à Presidência da República. Quércia é o único concorrente dentro do seu partido temido por Ulysses. É que no caso de o governador paulista não ser candidato, Ulysses quer tê-lo como seu principal cabo eleitoral. Apesar dos tropeços por ele sofridos nas últimas eleições, Quércia é ainda uma peça política importante, não só pela força eleitoral que detém em São Paulo, como também porque será com o respaldo do governador paulista que o candidato do PMDB, qualquer que seja ele, irá obter a necessária cobertura financeira, proveniente de grupos empresariais, para fazer sua campanha rumo ao Palácio do Planalto.

Quanto aos governadores Waldir Pires, da Bahia, e Miguel Arraes, de Pernambuco, as suas pretensões presidenciais podem até ser justas, mas com a evolução dos acontecimentos elas serão sopesadas em suas justas medidas. O go-

vernador baiano seria hoje um candidato mais forte do que Arraes. Não só pela imagem afirmativa que vem transmitindo, como pelo fato de que, com exceção de Salvador, se saiu melhor do que seu colega de Pernambuco nas últimas eleições. Arraes, que já foi uma estrela invencível em Pernambuco, perdeu as eleições não só em Recife como nas principais cidades do interior do seu Estado. Acresce ainda a circunstância de que a Bahia tem no presente um eleitorado muito maior do que o de Pernambuco. Mas é pouco provável que diante de candidatos situados favoravelmente ou com apoios poderosos no eixo São Paulo — Minas — Rio de Janeiro, um pretendente do Nordeste venha a ter grandes chances na disputa do próximo ano. Amigos de Ulysses assinalam ainda que Waldir Pires, como candidato, teria dificuldades de arrebatar recursos financeiros junto ao empresariado do Sul para sua campanha.

Também não se pode omitir a observação de que a área de esquerda da futura sucessão já se encontra excessivamente congestionada com as candidaturas de Lula,

Brizola, Covas, às quais viriam se somar os nomes de Waldir e de Arraes. Não é por outra razão que Brizola, em seus últimos pronunciamentos ou atitudes, vem tentando situar-se numa posição mais moderada, procurando deslocar seu eixo de atuação na direção do centro, a fim de acrescentar outras áreas políticas à sua candidatura. Procedimento extremamente cauteloso tem também adotado o senador Mário Covas. Covas e seus aliados têm consciência de que ele só terá chances de chegar ao segundo turno se passar a ocupar a posição de centro-esquerda, que cabe naturalmente ao candidato do PMDB, seja ele Ulysses ou qualquer outro nome.

Quanto a Ulysses, ele partiu para Nova Iorque, onde se encontra no momento, convencido de que ao PMDB não restará outra alternativa senão tê-lo como seu candidato. Para seu êxito eleitoral, Ulysses conta com o novo programa do PMDB e com a revisão da postura do partido face ao Governo, a ser assumida depois da convenção de março.